III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG
Inovação: Inclusão Social e Direitos
19 a 21 de outubro de 2016
Pirenópolis - Goiás

# Aos olhos do morador: análise das transformações das casas do bairro Parque das Laranjeiras, Goiânia, GO.

**Flávia da Silva Almeida[1] (IC)*, Fernando Antonio Oliveira Mello (PQ)**

[1] **flaviasilva.arq@gmail.com**

Universidade Estadual de Goiás. Campus Anápolis de Ciências Exatas e Tecnológicas Henrique Santillo. BR 153, Nº3105 Fazenda Barreiro do Meio. Caixa Postal 459. CEP: 75132-400. Anápolis, GO.

Resumo:

Esta pesquisa tem como objeto o conjunto habitacional Parque das Laranjeiras, construído década de 1970, na região Sudeste de Goiânia. Tal conjunto, apesar da distância temporal, traz em sua essência a resposta adotada para a crise da habitação no Brasil, originada com o primeiro surto de industrialização ocorrido no último decênio do século XIX. Em sua maioria, tais soluções ou modelos tendem a reduzir as necessidades sociais à sua pragmaticidade; o homem e as especificidades culturais a elementos pretensamente universais. Assumindo a arquitetura como produto simbólico, o objetivo dessa investigação é buscar através das intervenções feitas nas unidades de habitação-tipo do Parque das Laranjeiras, desejos e demandas pessoais de seus moradores. O intuito é aproximar de valores ou padrões culturais, muitas vezes esquecidos ou negligenciados nos projetos pensados em série, através da análise comparativa entre características formais e funcionais dos modelos de casa originais e de sua configuração atual.

Palavras-chave: Arquitetura. Habitação. Conjuntos habitacionais. Parque das Laranjeiras. Goiânia.

## Introdução

O conjunto habitacional Parque das Laranjeiras, situado na região sudeste de Goiânia, foi concebido na década de 1970, como parte da política habitacional do Município, em parceria público / privada com a construtora ENCOL S/A. As casas seguiram projeto padrão, gerando uma paisagem homogênea em decorrência da reprodução em série das unidades habitacionais.

A origem desse tipo de ocupação remete aos últimos decênios do século XIX quando fatores circunstanciais como o surto industrial e a Primeira Guerra levaram arquitetos e urbanistas a priorizarem a questão da habitação e de sua inserção urbana. Com certa elasticidade, podemos considerar o período entre 1920 e 1930

como a época mais fértil de tais discussões, sobretudo nos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna [CIAM], quando foram definidos padrões dimensionais segundo o critério do mínimo social – *Existenzminimum* (ROWE, 1995, p. 57).

Não obstante, o que se assistiu nas décadas seguintes foi a aplicação corrompida dos postulados e modelos do início do século XX, muitas vezes subservientes à administração pública e às construtoras. Segundo Bonduki (2011), o Banco Nacional de Habitação [BNH] foi responsável por difundir um modelo de conjunto habitacional adotado em grande número de cidades brasileiras, caracterizados pela "gestão centralizada, ausência da participação comunitária, localização periférica, projetos medíocres e ênfase na produção de casas prontas por empreiteiras." (BONDUKI, 2011, p. 319).

Entretanto, estudos sobre a habitação no século XX, como feito por Ábalos (2003), mostram os vínculos existentes entre os modos de pensar, de ver o mundo, de viver e as técnicas de pensar e projetar o espaço doméstico. Se existe vínculo entre modos de viver específicos e a linguagem revelada pela casa, seria possível observar tais especificidades nos espaços domésticos do Parque das Laranjeiras? Existiriam padrões recorrentes que revelem modos de habitar?

Essas são algumas das questões que pretendem ser respondidas nesse trabalho, cujo objetivo é levantar e discutir as transformações do espaço doméstico.

## Material e Métodos

De acordo com o objetivo pretendido, esse trabalho tem caráter qualitativo e exploratório, dividido em duas etapas:

- Análise do projeto original do Parque das Laranjeiras assumido como estudo de caso e debatido frente aos tipos encontrados na historiografia da arquitetura.
- Análise das alterações realizadas nas habitações através da comparação entre as casas-tipo e reconfigurações encontradas, registradas através de pesquisa de campo.

Os critérios e elementos de análise basearam-se nos padrões elencados por Christopher Alexander (2013). O autor chama de *padrão* as soluções recorrentes para problemas que aparecem repetidas vezes em nosso meio ambiente. Para o

escopo de nossa análise interessa particularmente os padrões sujeitos ao controle do indivíduo e de pequenos grupos.

## Resultados e Discussão

As casas do Parque das Laranjeiras foram construídas pela Encol em cinco etapas distintas. De modo geral, foram identificadas duas configurações de plantas: uma referente às construções da 1ª a 4ª etapas; outra referente à casa padrão da 5ª etapa.

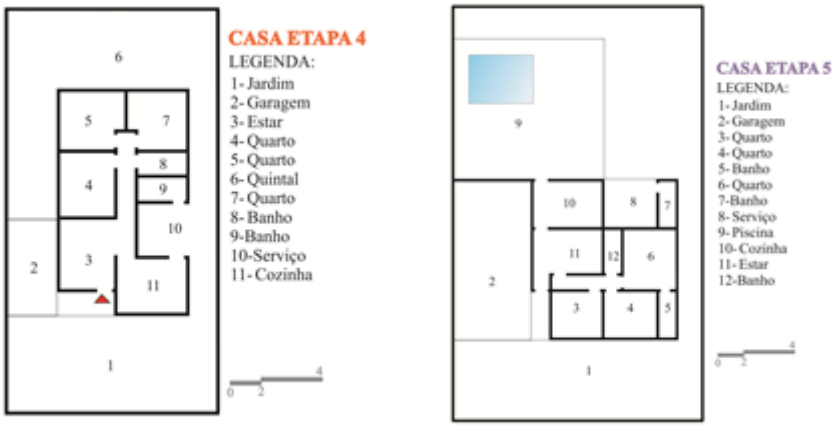


Figura 1 – Planta esquemática das casas. (Acervo do autor)

As casas das primeiras quatro etapas seguem um padrão semelhante aos de habitações de interesse social em conjuntos, como mostrado por Bonduki & Koury (2014). Construídas em lotes retangulares, ocupam a parte central do terreno deixando livres apenas os recuos laterais e frontais, exigidos por lei, e um pequeno quintal ao fundo. Como programa as casas possuem sala, cozinha, área de serviço, banheiro, três quartos e um abrigo para automóvel. Cômodos que foram dimensionados utilizando medidas mínimas com foco na funcionalidade. A organização segue o zoneamento de funções, já presente nas casas burguesas oitocentistas, como mostra Tramontano (1993). Nelas, a casa é fragmentada em três zonas: social, íntima e de serviço.

Nas casas da quinta etapa, lotes maiores permitiram a construção de casas também maiores, já ajustada a outro perfil de família. Nelas, fez parte do programa uma suíte, garagem para dois veículos e piscina na parte posterior do terreno. Esse novo item condicionou uma maior integração entre frente e fundo do lote, separado

apenas por uma parede de blocos vazados. A ideia do quintal tradicional passou a ter conotação de lazer, dialogando com a parte social das habitações.

Através da comparação entre os tipos de habitação construídos originalmente e a forma das casas na atualidade foi possível detectar os seguintes padrões de alterações:

**1. Desejo pelo carro individual, pela segurança e para economia familiar**: essa foi a alteração mais recorrente nas casas da 1ª a 4ª etapa. Nelas, o afastamento frontal foi coberto, eliminando-se o jardim frontal. O espaço gerado é utilizado como garagem para comportar de dois a três veículos ou pontos comerciais. A fachada isola toda a frente do terreno com grades e portões que, na justificativa de moradores, denota também preocupação com a segurança.

**2. Desejo por mais espaço:** a mudança na configuração dos grupos familiares foi responsável por levar à alteração do espaço doméstico. Nesse caso, as ampliações foram construídas nos afastamentos laterais para gerar suítes, sala de jantar, escritórios ou ampliar o tamanho dos quartos.

**3**. **Desejo pelo lazer:** outro padrão detectado foi a construção de edículas no fundo do terreno. Espaços que abrigam, em sua maioria, churrasqueiras destinadas ao lazer e à reuniões festivas. Em alguns casos funcionam, também como cômodos de apoio e áreas de serviços.

**4**. **Desejo pelo padrão estético da casa dos "ricos":** nesse caso as transformações buscaram assemelhar as casas originais às atuais residências ocupadas por famílias de renda mais alta. Característica observada, sobretudo, nas casas da 5ª etapa que desde a ocupação destinavam-se a grupos familiares mais abastados.

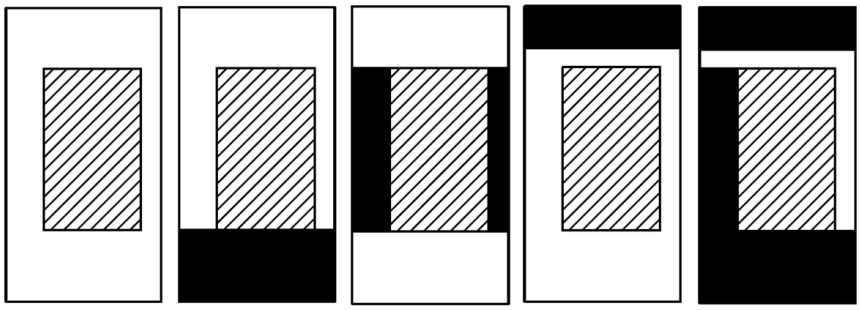

Figura 2 – Diagramas que ilustram o processo de ampliação das casas. (Acervo do autor)

## Considerações Finais

Ainda que a lógica e o princípio estruturador da maioria dos conjuntos habitacionais no Brasil seja a rigidez e a seriação, mudanças nas unidades de habitação ao longo do tempo são perceptíveis. Ampliações e adequações espaciais que atendam as reais necessidades dos habitantes tendem a romper com os padrões e com a homogeneidade dos loteamentos. Situação que não foi diferente no Parque das Laranjeiras. Por abrigar famílias de classe média, tais reformulações foram ainda mais contundentes chegando a transformar totalmente a composição de algumas unidades. As reformas e infinidades de configurações encontradas revelaram que, mesmo se tratando de grupos familiares relativamente homogêneos, as demandas espaciais e estéticas apresentam-se de formas distintas. O que coloca em questão, mais de um século depois, a construção de conjuntos de habitações seriadas – os modelos.

Revelam ainda a forte presença do automóvel individual nas necessidades das famílias; da necessidade por espaços flexíveis que possam ser alterados de maneira a não comprometer a relação entre as edificações e a cidade, bem como, a qualidade dos novos acréscimos; da necessidade de espaços de reunião e de lazer nos ambientes domésticos; da necessidade de imprimir aspectos estéticos e simbólicos, condicionados pelo gosto pessoal. Aspectos que criam relações de pertencimento, fazendo da edificação mais que um mero objeto funcional, mas um lar para quem nela irá habitar – o desejo.

## Referências

ÁBALOS, Iñaki. A boa vida – visita guiada às casas da modernidade. Barcelona: Gustavo Gili, 2003.

ALEXANDER, Christopher; et al. Uma linguagem de padrões. Porto Alegre: Bookman, 2013.

BONDUKI, Nabil. Origens da habitação social no Brasil – arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

BONDUKI, Nabil; KOURY, Ana Paula. Os pioneiros da habitação social. São Paulo: UNESP/SESC, 2014.

ROWE, Peter. Modernity and housing. Cambridge: MIT Press, 1995.

TRAMONTANO, Marcelo. Espaços domésticos flexíveis: notas sobre a produção da primeira geração de modernistas brasileiros. São Paulo: FAU-USP, 1993. Disponível em: http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html Acessado em: 15 jul. 2016.